DOCUMENTÁRIO

PADRE CÍCERO PARANÓICO? (*)

Meu caro Azarias.

Você, num raro encontro de cortesia, deixou-me escrita esta pergunta: — *Padre Cícero, paranóico?*

O estilo é seu, sempre foi: — simples, incisivo, perolado, como o seu espírito apostólico tangenciando a filosofia tomista. É meu velho conhecido desde aquêle saudoso convívio no Seminário da Prainha onde, sob o influxo daquela disciplina salutar, ordenamos a nossa formação intelectual.

Respondo, pois, com a mesma ênfase com que me foi dirigida sua pergunta: — *Não!...*

Estamos numa encruzilhada penosa. A personalidade do padre Cícero difundiu-se na consciência das massas em mutações de côres, como o estilo impressionista da arte pictórica moderna. Pode-se dizer — alucinação de traços coloridos para decifração de gênios ou imbecis, ao mesmo tempo, ao acaso...

Cada um dos seus intérpretes se louva em encontros fugazes, já sugestionado pelo dilúvio da fama que o aponta como pastor de fanáticos, sem respeito à ética social, política ou religiosa...

A paranóia é um fenômeno reversível, se o focalizarmos num prisma psicológico, e tem, para defini-la, o sinal clínico — *obsessão*.

(*) A carta acima da lavra do brilhante intelectual, que é o médico e professor Leite Maranhão, focaliza a figura do Patriarca de Juàzeiro à luz da psiquiatria, matéria de sua especialidade.

O documento em tela se reveste da maior singeleza, uma vez que nada mais pretende ser do que uma resposta à carta recebida do pe. Azarias Sobreira, cuja atividade mental vem rodando em tôrno da decifração do enigma que ainda é aquêle condutor de filhos do sertão, acêrca do qual tanto se tem dito pelo Brasil afora.

Carta com igual finalidade já há alguns anos foi publicada por esta mesma revista, dessa vez da autoria do senador Fernandes Távora, igualmente a instante pedido do mencionado sacerdote cearense.

Com a palavra, portanto, o Dr. José Leite Maranhão.

Aí está, portanto, a paranóia diluída na *massa*, conduzindo os observadores, por vêzes eruditos, nos desvios ou refrações da sua visão psicológica.

O padre Cícero teve uma personalidade absolutamente normal, o seu psiquismo foi hígido e equilibrado com raro poder de autocrítica e inteligência.

Sei que é temeroso avançar esta afirmação, numa espécie de perícia póstuma, para juízo de homens cultos, à luz da ciência e da sociologia.

É, todavia, um dever de quem o conheceu de perto e acompanhou a sua projeção na história, restabelecer a verdade numa visão histórica serena e científica à luz da psicologia e percepção sociológica.

Sou filho do Cariri, sabe você, onde surgiu o Patriarca de Juàzeiro e de onde se irradiou a sua fama. Adolescente, ainda, tive contatos com êle, curioso daquele misticismo que o envolvia. Senti, num dêsses encontros, o *módus patérnus* que o caracterizava: — "Já se decidiu a estudar?" — "Sim, já." — "Que carreira pretende seguir?" — "Não sei ainda." — "Seja médico: será muito útil à sua família e à humanidade, e honrará sua terra como homem de ciências"...

Eu havia deixado o Seminário e me matriculara no Colégio São José, em Crato, de onde saí para a Bahia.

Formado, voltei ao Cariri e acompanhei, agora, com maturidade e curiosidade sociocientífica, aquêle fenômeno sociopolítico de incidência nacional e repercussão mundial. Êste relato vem a propósito de me ser lícito opinar sôbre esta personalidade tão discutida.

Posso, pois, afirmar: — o padre Cícero não é um paranóico.

Digo *não* é, atualizando o verbo no presente indicativo, porque a personalidade histórica em aprêço vive nas cogitações das gerações contemporâneas e jamais perecerá, sempre rediviva naquele fenômeno sociopolítico miracular e impressionante que é o Juàzeiro do Padre Cícero, queiram ou não queiram os contraventores da nomenclatura toponímica, filauclosos de *grande giro*...

Paranóia é uma entidade psicopática indefinida. Diz Kretschmer — "Não há paranóia, há paranóicos"...

Quer dizer — o quadro clínico é complexo, confuso, como a própria expressão psicótica; há variações de desajustamento mental que afloram na conduta individual correlata à dicotomia psicopática: — esquizofrenia e mania depressiva. Daí a dificuldade do decalque clínico, confuso, nebuloso, muito a jeito dos observadores inexpertos e apressados que justificam o adágio: — "De medicina e de louco, todo mundo tem um pouco"...

Não sendo, portanto, um paranóico, ninguém (testemunho médico) o enquadrou noutras variantes psiquiátricas.

Como definir a personalidade do Patriarca?

Dentro da classificação biotipológica de Kretschmer, aliás da escola alemã, o padre Cícero é *um ciclóide*, biótipo admiràvelmente caracterizado na sua organização psicossomática, e na confluência dos fenômenos sociais, políticos e religiosos que o envolveram. Vejamos.

Definindo o biótipo ciclóide normal, Kretschmer diz: — "Seus impulsos (*sus rasgos*), psicológicos fundamentais são: 1.º) — sociabilidade, bondade de coração, afabilidade; 2.º) alegria, humor, vivacidade, veemência; 3.º) calma, tranqüilidade, melancolia, brandura. São indivíduos que têm a vida tal qual ela é: — naturais, espontâneos, abertos; são tipos ternos e fervorosos.

"O *ciclóide* é sumamente impressionável, tôda vez que uma circunstância fortuita qualquer incide nêle ou perturba sua vivência"... "O sentimento religioso se enraíza nêles com suma facilidade." (Kretschmer, citado por Arturo Rossi na sua obra — "Biotipologia e Ortogenese", pág. 92.)

Mira y Lopez esposou a doutrina de Kretschmer, e diz o seguinte, referindo-se à personalidade ciclóide: — "Seus impulsos (*sus* rasgos) essenciais são com tendência bipomaníaca. Trata-se de indivíduos cordiais, eufóricos, expansivos e simpáticos que, como disse Bleuler, sintonizam com o seu ambiente, onde quer que estejam. (Mira y Lopez, "Psiquiatria", pág. 317.)

Ainda no terreno da biotipologia, Pende, da escola italiana, apresenta, na sua classificação morfológica, o tipo *pícnico* (estatura média, cabeça chata, ângulos faciais discretos, pescoço enterrado nos ombros, tronco cilíndrico macrosplânico, membros curtos, etc.) Sôbre esta estrutura morfológica assenta Kretschmer a *personalidade ciclóide*.

Êste biótipo é muito conhecido entre nós e, no momento, destacado, com figuras preeminentes, na política nacional. Aí estão dois cearenses — o presidente Castelo Branco e o senador Meneses Pimentel, a cuja personalidade ninguém atribui a figura psicótica da paranóia.

Em todos êles, Cícero, Castelo e Pimentel, domina o sentimento de hipersonante vaidade. Quem conviveu com o padre Cícero, encontrará neste quadro psicossomático a caracterização científica do Patriarca de Juàzeiro.

É fácil interpretá-la nas suas linhas gerais, nos aspectos fundamentais da sua vivência:

Aspecto religioso — Sacerdote católico: — era humilde e fiel aos postulados da Igreja, submisso às ordenações da hierarquia, e fervoroso no seu comportamento apostólico.

Êste foi o homem e o padre que centralizou os acontecimentos sociopolíticos e religiosos de repercussão nacional.

É noção cediça, em psicologia e psiquiatria, que a evolução da personalidade obedece a duas ordens de fatôres que se agrupam simultâneamente sob as denominações de *psicogênicos* e *psicoplásticos*.

A psicogênese estrutura o bloco orgânico capaz de enfrentar as variações da vida de relação. A psicoplastia modela a personalidade por imperativo do meio geodinâmico que a envolve.

Nesta conjunção se defrontam a sensibilidade e o estímulo, a ação e a reação que se desenvolvem na dinâmica geral da vida ou vivência. E vem a sentença filosófica: — o homem é produto do meio...

Aquêle sacerdote humilde, fiel e zeloso de sua condição apostólica, foi assaltado por um fenômeno de aparência mística e misterioso: — o milagre cruento de uma hóstia consagrada. O fato foi testemunhado por uma centena de fiéis que assistiam ao culto religioso, e impressionou profundamente as numerosas testemunhas, e teve repercussão igualmente impressionante.

A Igreja, sábia e justa na apreciação do fenômeno, negou assentimento e até mesmo a sua prévia tolerância, visto que a crença se avolumava com precipitação e sacrilégio. Gerou-se o conflito e foram impostas sanções canônicas ao sacerdote, que aceitou discretamente a interferência sobrenatural...

O padre Cícero obedeceu às penalidades que lhe foram impostas e acatou com absoluto respeito a decisão do seu bispo. Todavia, não abjurou de sua convicção, para combater de público o acontecimento. Isto é rebeldia? Não. É firmeza de caráter, é lealdade ao impulso (*rasgo*) de sua estrutura psicológica, fenômeno que abroquelou tantos mártires da Igreja que preservaram a sua crença desatentos às normas e decisões humanas.

Em psicologia há uma figura inerente à personalidade consciente — é a *sublimação*. Consiste na permuta da ação por um comportamento adequado, sem contudo perder a realidade da ação apetecida. Diz Mira y Lopez: — "Dá-se êste nome (sublimação) ao processo em virtude do qual a energia de uma tendência racional, que tropeça com inibições no seu caminho, é transferida a outras vias motrizes em que se descarrega livremente, originando uma satisfação substitutiva. O conceito essencial de sublimação se radica em que permite conservar o sentido psíquico da ação apetecida"... ("Psiquiatria", pág. 26.)

Êste fenômeno é normal, é um dos processos de adaptação que comanda o psiquismo hígido ante as reações do clima social. Quanto mais inteligente, tanto mais freqüente é a sublimação, a que se dá vulgarmente o nome de habilidade. Portanto, o comportamento do jovem sacerdote não caracteriza rebeldia ou *obsessão*, mas sim segurança e resistência de sua consciência, transferindo para a Justiça divina o julgamento de sua conduta.

Aspecto sociológico — A repercussão do acontecimento gerou a avalancha de romeiros que, a princípio, perscrutara o milagre, e logo envolveu a pessoa do padre Cícero, que se projetara no espírito daquela gente, como oráculo da paz espiritual, iluminando as almas daquela gente ignorante e abandonada a míseras condições de vivência, com os seus conselhos e a sua bênção, sempre voltado para a Igreja tradicional, invocando para tanto os podêres da Santa Mãe das Dores e os mistérios da Paixão de Jesus Cristo.

Onde, pois, está a *paranóia* dêsse homem sóbrio, resignado, fiel à sua consciência e ao sentido real de sua fé?

O aspecto social de sua vivência resultou da aglutinação de circunstâncias normais e freqüentes na psicologia das massas que se procuram asilar em tôrno de líderes inteligentes, hábeis e humanos.

Aspecto político — Juàzeiro crescia assustadoramente, atraindo para o seu desenvolvimento mercadores, artesãos e investidores industriais, constituindo uma massa heterogênea acessível às explorações de todo gênero, sem excluir a confusão propícia para o coito de criminosos e malfeitores, disfarçados no beatério penitente.

Logo a vanguarda política do Estado se voltou para o Patriarca que lhe pareceu uma fôrça crescente e prodigiosa para os fins da política partidária. Foi oficializado o prestígio do padre Cícero com a sua atração para a Vice-Presidência do Estado.

Inteligente e sagaz, o Patriarca viu, naquele movimento em tôrno da sua pessoa e do seu povo, a chance de emancipar a sua gleba, politicamente, e alimentou aquela situação a que os acontecimentos o conduziram. Neste ponto está bem caracterizado o *rasgo* de sua personalidade, conforme acentuam Kretschmer e Mira: — "O cilóide sente a necessidade de se adaptar e se relacionar com o meio exterior (extraversão de Jung)." (Mira, "Psiquiatria", pág. 230.)

As paixões políticas ascenderam em todo o País, e tiveram no Ceará a revolução demagógica que depôs a oligarquia aciolina, que tinha um dos seus esteios no prestígio do padre Cícero.

A nova situação viu em Juàzeiro um perigo para sua consolidação. Logo se decidiu o Govêrno a arrasar Juàzeiro, decisão intempestiva e inábil, formulada entre vapôres de conhaque, estimulante preferido do Presidente do Estado e seus assessôres. Inábil, sim, porque o padre Cícero era pacifista de índole, contrário a qualquer gênero de violência; só lutava pela paz e tranqüilidade de seu povo, acima de qualquer ambição política.

E por que consentiu na reação armada?

Não consentiu; aceitou o calvário que lhe impuseram, porque a reação veio do alto comando político do Brasil. Foi Pinheiro Machado quem o levou à revolução comandada por Floro Bartolomeu, seu médico e amigo, caudilho inteligente e hábil, sobretudo audacioso. O Patriarca aceitou a revolução que lhe propinou o Govêrno do Estado,

para salvar o seu povo da chacina que fatalmente o aniquilaria. No fragor da revolução, continuava sereno e confiante, o conselheiro da paz e do bem, condenando o roubo, os estupros e os crimes marginais.

Conclusão — Aqui está a personalidade do Patriarca de Juàzeiro maravilhosamente definida num padrão biotipológico hígido, absolutamente normal, coerente e humano com a geodinâmica do seu habitat.

Muito se tem dito e escrito sôbre o padre Cícero, gente de cultura e responsabilidade na apreciação sociocientífica dos acontecimentos.

Infelizmente, porém, todos aquêles que o procuraram, curiosos de sua fama, já foram até lá com o espírito contorcido e visgado por outro fenômeno psicológico de adaptação personalista: — a *racionalização*, eruditamente exposta por Mira y Lopez: — "Aqui está o terceiro meio de facilitar a adaptação entre as diversas fôrças que pugnam por dirigir a conduta pessoal. A racionalização consiste em criar uma falsa motivação subjetiva que dá ocasião para satisfazer, de uma só vez, os critérios objetivos e subjetivos da ação apetecida." ("Psiquiatria", pág. 20.)

Não é, pois, de admirar que observadores de grande mérito tenham enquadrado o Patriarca numa entidade psicótica, sem, contudo, lhes caber autoridade, porque são apenas observadores apressados, diletantes das letras, sem estabilidade e madureza psicológica para uma crítica séria e honesta.

O padre Cícero não é paranóico. Tal não se deve admitir, nem mesmo para exaltar a obra que êle realizou e legou à posteridade: — uma grande cidade, um grande povo, um grande centro de indústria, comércio e civilização, ostentado na cultura e moral cristã, que o Patriarca inoculou e defendeu com o zêlo de sua vocação apostólica.

São Francisco de Sales foi o modêlo que êle adotou para o seu comportamento apostólico. E o seu testamento sagrou a sua devoção, transferindo aos Padres Salesianos os seus bens e o zêlo pelos destinos de Juàzeiro.

Nos cânticos da Semana Santa se fulmina o pecado original e suas conseqüências com um versículo consolador: — "Ó feliz culpa que nos deu tão grande redentor!..."

Se êrro existe no misticismo que envolveu o Patriarca de Juàzeiro, podemos parodiar o salmo litúrgico: — "Ó feliz êrro que dotou o Ceará de tão grande centro de atividade humana!..."

Aí está, meu caro Azarias, o que penso e o que digo em resposta à sua incisiva pergunta. Faça disto o uso que lhe convier, na certeza de que, em mim, não há pretensões a notoriedade: — persigo apenas a verdade que excele. Publique se lhe convier.

Seu velho admirador

Fortaleza, setembro de 1966. — *Leite Maranhão.*

UM DOCUMENTO HISTÓRICO

Nós, abaixo-assinados — Doutor Livino Virgínio Pinheiro — Professor de Anatomia e Fisiologia Patológicas da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará e Chefe do Serviço de Verificação de Óbitos do Instituto Médico Legal do Estado do Ceará (Secretaria de Polícia e Segurança Pública), e o capitão-médico Doutor Jaime Pontes da Silva, Chefe da Seção de Saúde do Vigésimo Terceiro (23.º) Batalhão de Caçadores, especialmente designados pelo Govêrno do Estado e Comando da Décima Região Militar, respectivamente, para proceder ao exame necroscópico dos despojos do general Antônio de Sampaio, apresentmaos às autoridades competentes êste Protocolo de Exumação: HISTÓRICO: — Aos cinco (5) dias do mês de maio, do ano de mil novecentos e sessenta e seis (1966), pelas oito (8) horas, nesta Cidade de Fortaleza de N. S.ª d'Assunção, no Cemitério de São João Batista, no bairro de Soares Moreno, foi realizada a exumação dos despojos mortais do general Antônio de Sampaio. Obedecendo às formalidades de estilo, o professor Doutor Livino Virgínio Pinheiro solicitou, em nome da Comissão de Peritos, por intermédio do coronel Murilo Rodrigues de Sousa, Comandante do Vigésimo Terceiro (23.º) Batalhão de Caçadores e Presidente da Comissão Executiva do Centenário da Batalha de Tuiuti, autorização ao Excelentíssimo Senhor General Itiberê Gouvêa do Amaral, Comandante da Décima (10.ª) Região Militar presente à solenidade, para que fôsse aberto o mausoléu (o segundo erguido na primeira quadra, à esquerda da entrada principal do Cemitério) onde estavam guardados os restos mortais do dito general Antônio de Sampaio, de acôrdo com a palavra oficial e identificado, ainda, pela seguinte inscrição que se lia, gravada em uma das lápides fronteira (lado norte) daquele, entre dois anjos esculpidos em alto-relêvo: — "AQUI JAZEM OS RESTOS MORTAIS DO BENEMÉRITO GENERAL ANTÔNIO DE SAMPAIO, NATURAL DA PROVÍNCIA DO CEARÁ, MORTO NA BATALHA DE 24 DE MAIO DE 1866, EM TUIUTI". Descrição: A DESPOJOS: Dada a permissão pela autoridade competente para ser iniciada perícia médico-legal, foi demolida a parte de alvenaria que fechava o carneiro perpétuo, pelo lado sul. Na sepultura encontrava-se grande parte de um esquife constituído de material de tonalidade branco-plúmbea, bastante maleável, já muito deteriorado pelo tempo, tendo sido, junto com sete (7) aldrabas de metal, em bom estado de conservação com todos os demais achados, envoltos em uma peça de pano branco, visto como restava pouca coisa da parte inferior do mesmo, imediatamente conduzidos, em uma maca de ferro, para a capela do dito cemitério, onde foram meticulosamente examinados. Com as partes remanescentes de um esquife (possivelmente de uma liga contendo chumbo), foram recolhidos: a) restos de material do cinturão e pequenas porções de fazenda de uniforme militar; b) treze botões de farda, num dos quais se identificava perfeitamente bem a coroa imperial e um pequeno, de camisa; c) cinco objetos metálicos, arredondados, já bem danificados, recobertos por azinhavre; d) duas contas brancas de têrço; e) uma pequena chave revestida por uma camada de ferrugem e caliça; e f) dois parafusos de médio tamanho. Referidas peças foram entregues à Comissão Executiva, a fim de serem convenientemente identificadas por especialistas em parassematografia. B) — IDENTIDADE — Tendo sido rigorosamente medida, com uma trena metálica, a distância em linha reta interposta entre a face do caixão metálico que correspondia aos pés do cadáver e que correspondia à cabeça (mais larga que a primeira), verificou-se ser a mesma de 180cm, pelo que avaliaram os peritos ter sido aquêle confeccionado para receber um corpo de aproximadamente 170cm de altura. C) — EXAME EM PARTES DO ESQUELETO — Foram identificadas as seguintes partes do esqueleto: a) Dois fragmentos de ossos do calvarium, sugerindo serem, pela sua espessura, do occipital e do frontal, verificando-se, na última a existência de uma fosseta de corpúsculo de Pacchioni; b) uma fração do maxilar na qual

se evidenciavam quatro alvéolos dentários, sendo um dêstes mais profundo do que os demais, admitindo-se com tôda a probabilidade, tratar-se de uma cavidade de implantação de dente canino, sendo os três restantes de incisivos. Os septos interalveolares estavam inteiramente destruídos; c) três coroas de dentes com o seu esmalte ainda íntegro, pertencentes a um incisivo, um pré-molar e um molar; d) extremidade acromial de uma das clavículas; e) duas porções de escápulo, um acrômio mais perto da espinha e outro lembrando um processo caracóide; f) parte do têrço superior de um úmero, ainda com a sua cabeça relativamente bem conservada; g) seção proximal da extremidade da ulna (cúbito), permitindo o reconhecimento do olecrânio, da grande cavidade sigmóide e do processo coronóide; h) várias pequenas porções de costelas; i) cinco corpos de vértebras; j) uma fração da parte superior de um osso coxal; k) duas porções de fêmur, medindo, a maior, 20,5cm e a menor, 12,0cm; l) dois segmentos de fíbula (perônio); e m) por fim, dois ossos de um dos pés, os quais, pela conformação, sugeriam ser um calcânio e um tálus (astrágalo). E como nada mais houvesse a examinar nos despojos encontrados, no túmulo do general Antônio de Sampaio, os peritos deram por terminadas as suas pesquisas, sendo lavrado o presente Protocolo de Exumação, que vai assinado e rubricado, em seguida, pelos mesmos. DR. LIVINO VIRGÍNIO PINHEIRO — Professor de Anatomia e Fisiologia Patológicas da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará e Chefe do Serviço de Verificação de Óbitos do Instituto Médico Legal do Estado do Ceará.

DR. JAIME PONTES DA SILVA — Capitão-médico, Chefe da Seção de Saúde do 23.º Batalhão de Caçadores.

PÁGINA INÉDITA DE ANTÔNIO BEZERRA: "COMO ME TORNEI VOLUNTÁRIO DA PÁTRIA"

Depois de ter perdido as esperanças de me bacharelar em Direito, deixei o Rio e voltei a Fortaleza, em 2 de agôsto de 1864, com o título de Praticante da antiga Tesouraria de Fazenda, e fui servir no edifício, hoje do Barão de Studart, à Rua Barão do Rio Branco, n.º 46, sob a direção do major João Severiano Ribeiro, homem de bem às direitas e de princípios que lhe valeram ser cognominado: Gravata de Ferro! Por me não ter formado, tive que suportar dictérios de muita gente que se encarregava de divulgar a estreiteza do meu talento e, sobretudo, a vida dissipada que eu levava no Rio como estudante-vagabundo.

A fim de me furtar a tais censuras, escondia-me em casa e as minhas saídas eram quase exclusivamente de casa para a repartição e da repartição para casa.

Eu tinha deixado nesta cidade um môço, que havia sido companheiro de escola, companheiro do Liceu e ainda companheiro do primeiro jornal literário que se publicou aqui, em 1859, quando éramos estudantes de preparatórios e lembro-me ainda bem da imensa alegria que experimentei quando chegando um dia à redação, situada na Rua Major Facundo, 81, entregar uma ordenança a Barcelos, o diretor, uma carta do Chefe de Polícia, Dr. Galoso, na qual pedia a assinatura da "Estrêla", por um ano.

Era José Barcelos, o mais hábil dos rapazes do meu tempo, o mais adiantado aluno do Liceu e que me dispensava muita estima e carinho de meu irmão.

O retiro em que eu vivia não era motivado por falta de talento ou amor às letras, não era, antes, pela aversão que eu votava ao hábito de bajulação, que já predominava nesse tempo, e vinha do alto.

Havia muito rigor nos exames da Instrução Pública no Rio, é certo; mas pagavam caro os provincianos à proteção que se dava ocultamente aos filhos dos titulares, aos recomendados dos grandes da política dominante, na maioria beócios.

O meu orgulho levava-me a supor que eu conhecia mais a matéria do exame que o examinador e por isso nunca me vali de empenhos, nem aceitei proteção de quem quer que fôsse, não me custando muito a me convencer da verdade, porque quando eu era "bombeado" em qualquer língua ou ciência, como se dizia na gíria de estudantes, eram aprovados discípulos meus protegidos perante a mesma comissão, e na mesma banca.

Cedo me convenci de que para me salientar em qualquer posição na vida, seria preciso dispor de talento de eleição, que deslumbrasse, ou de um gênio de baixeza que agradasse a todos, andando sempre de rastos aos pés dos donos dêste País, pois que só assim teria a todo tempo brilhante colocação.

Não possuindo êsse talento que domina as multidões, nem sendo possível habituar-me às curvaturas do servilismo, dei com os pés nos estudos e vim conviver entre gente que prezava ainda as normas de dignidade e honra, embora em esfera menos alevantada.

Ali vivia eu à vontade e nunca invejei as riquezas dos afortunados, se bem que soubesse perfeitamente como se galgam as eminências do bem-estar, como se ganha a fortuna e como se faz posição, muito embora com a cara calçada.

Voltei para o meio dos meus, que se não tinham bens a fartar, nem festas para me regalar o paladar, tinham lições de religião e ensinamentos de muito amor ao próximo.

Não me doeu a perda do pergaminho porque com os livros perdi o desgôsto de assistir a misérias, pois que cheguei a ver bacharéis que não sabiam ler.

Dispunha-me a viver a meu modo, quando, no dia 28 de janeiro de 1865, me apareceu José Barcelos e me diz: Acaba de chegar a notícia da declaração de guerra contra o Brasil. Os brasileiros tomaram Paissandu e o heróico forte de Coimbra resistiu ao assalto dos paraguaios, mas teve que ceder por falta de munição. Há passeata à tarde e você prepare uma poesia para a ocasião.

Recusei-me: Barcelos, porém, convenceu-me de aproveitar a oportunidade para me fazer conhecido, deixando-me escrevendo uns versos.

À tarde saí e juntei-me ao povo que se dirigia à igreja Matriz, onde falaram Dr. Nogueira Jaguaribe, Dr. Sousa Garcia Moura, na Alfândega, e outros de que me não lembro. Faltando-me o ânimo, não falei.

Dali desdobrou a multidão para o palácio do Presidente da Província e lá chegando foi saudada pelo Dr. Lafayette, que fêz um discurso à altura de seu grande talento e invejável erudição e terminou erguendo vivas ao Exército Brasileiro, à Esquadra Nacional e ao povo cearense. Falou depois o Dr. José Júlio, Dr. José Lourenço e o revmo. padre Verdeixa. E ao terminar êste (padre Verdeixa), pedi ao Exmo. Presidente licença para recitar uns versos.

Com a melhor boa vontade cedeu o ilustre senhor.

Cheguei-me à sacada da varanda que dá a frente para a Praça General Tibúrcio e tinha nos extremos do parapeito dois candelabros com cinco pequenas lanternas em cada um.

Olhei para um lado e para o outro, fixei o povo em massa e comecei:

Falo-vos filhos do Norte,
Nobre e brilhante coorte,
Que honra e glória traduz:
Ai, não deixeis esquecida
A fama nunca vencida
Dos filhos de Santa Cruz.

São nossos campos talados,
Nossos brios ultrajados,
Nossa honra rola em pó;
Eis o momento aprazado,
Voai às armas soldado,
Vingai a pátria sem dó.

.....
.....
Mostremos ao mundo inteiro
Que o cearense é brasileiro,
Que sabe morrer também:
Não lhe intimida a metralha
E nos campos de batalha
Não cede o passo a ninguém.

Lá já rebramam canhões,
Agitam-se os batalhões,
O empenho é feio e cru;
Mas eis por terra as trincheiras,
Tremulam imperiais bandeiras
Nos muros de Paissandu.

E Coimbra se briosa
Cede por fôrça orgulhosa
Do Paraguai ao ardil,
Ou há de ser retomada,
Ou hão de rolar no nada
As gerações do Brasil.

No meu entusiasmo de patriota, não reparei que a mão direita, num movimento impetuoso, alcançara o candelabro e atirara com tudo à calçada, onde se fêz em estilhaços.

O povo em delírio gritava como se fôra eletrizado e o Dr. Lafayette, vendo a minha aflição por aquêle desastre, abraçava-me freněticamente, dizendo com muito afeto: Não faça caso, aquilo não vale nada.

Alguns garotos acharam graça e riam-se a mais. Dentro em pouco, surgiu um grupo de homens que vinham na passeata e, tomando-me à fôrça, levaram-me nos braços até o meio da praça, onde, saudado por muitos, continuou o povo a sua marcha, aclamando os nomes mais festejados dos oficiais de terra e mar e do Presidente da Provincia.

No outro dia, os jornais "Pedro II" e "Liberdade" noticiavam de modo brilhante aquela patriótica manifestação. E a "Liberdade", ainda em frases afetuosas, comparava o meu ardor e entusiasmo ao do meu bisavô, o coronel Antônio Bezerra de Sousa Meneses, na República do Equador, em 1824, que teve por galardão o ser condenado à morte pela Comissão Militar.

Dêsse dia em diante, cessou o desprêzo com que me olhavam e eu entreguei-me de corpo e alma a propagar a defesa da Pátria, dispondo-me a marchar para a campanha.

O Dr. Lafayette não consentiu que eu embarcasse como praça e procurava distinguir-me com uma patente de oficial.

A 6 de abril, tendo de seguir para o Rio o primeiro corpo de Voluntários da Pátria, composto de 466 praças, sob o comando do coronel José Nunes de Melo,

pelas 5 horas da tarde, postada em frente de um coreto armado diante do Cruzeiro da Matriz, recitou Juvenal Galeno uma linda poesia, cabendo-me também na ocasião recitar uns versos ardentes àquela briosa falange de moços dos mais distintos desta terra, para que mantivesse de modo condigno o nome sempre glorioso do Ceará.

O Dr. Lafayette denominou a essas estrofes: metralhadas; e jamais se viu na população daquele tempo manifestação mais solene e ânsia mais significativa de vingar caro a afronta feita ao Brasil.

Não me foi possível encontrar aquêles versos, que tanto agradaram ao Exmo. Presidente.

Fui nomeado alferes da Guarda Nacional e a 20 de maio do mesmo ano, depois do abraço de despedida e dos desejos que por minha felicidade disse que fazia o Exmo. Dr. Lafayette, encarreguei-me do embarque do segundo corpo de Voluntários, composto de 200 praças pelo vapor Cruzeiro do Sul, como ajudante do comandante coronel José Peregrino Viriato de Medeiros.

Moléstia grave forçou-me a regressar ao Ceará e a buscar o sertão por algum tempo: reparada a minha saúde, tive de ser removido para São Paulo. Se não cumpri a minha vontade, foi a sorte que o não quis, mas meu companheiro Israel Bezerra, animado pelos mesmos sentimentos que eu, fêz tôda a campanha, foi ferido diversas vêzes e trouxe uma fé de ofício que muito o honra e à terra do nosso berço.

No Rio, tôdas as vêzes que me encontrava com o conselheiro Lafayette, êle, depois de carinhoso cumprimento, repetia sempre com um sorriso:

E Coimbra se briosa
Cede por fôrça orgulhosa
Do Paraguai ao ardil,
Ou há de ser retomada
Ou hão de rolar no nada
As gerações do Brasil.

Agôsto de 1913.

* * *

UMA PORTARIA DE BRITO FREIRE

À pág. 196 do cit. 2.º vol. das **Biografias** de Melo, encontra-se a seguinte portaria:

"Por quanto o Capitão-mór dos Indios da Capitania do Seará João .... e o seo principal Francisco Aragibá mandarão seos filhos a esta praça com cartas em que ratificavão a amisade que prometterão ter.... quando se recuperou aquella dita Capitania com.... os Hollandezes neste Estado; e convem ao serviço de Sua Magestade fazer com elles alguma demonstração de agrado para que.... a continuar nesta correspondencia: ordeno ao Provedor da fazenda de Sua Magestade faça dar trinta e nove mil e duzentos e trinta reis ao ajudante Miguel Rodrigues para pagar dous vestidos, que se mande feitos aos ditos Principaes, e outro que se deo ao filho do Capitão-mór que foi dos Indios desta Capitania D. Antonio Filippe Camarão, que recolhi á minha casa para o doctrinar, e ter com o tratamento que se deve ao muito que o dito seo Pai soube merecer em o serviço da Coroa de Portugal; por tudo convir ao serviço de Sua Magestade. Recife, e de Abril onze de 1661. **Francisco de Brito Freire.**"

Em seguida diz Mello:

"N. B. Nos lugares das reticências o original está carcomido."